

Comportamento Semanal de Mercado

Informativo Assessoria Econômica

2 a 9 de setembro 2022 | www.abbc.org.br

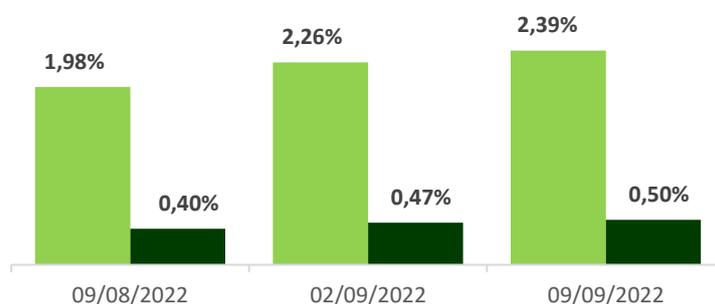


Ainda é cedo

Apesar do bom momento para o balanço de riscos da inflação, as projeções para o IPCA acumulado em 12 meses no horizonte relevante para a política monetária (1º trimestre de 2024) apontam, pelo Boletim Focus, uma variação de 4,46%, valor bem acima do alvo perseguido pela autoridade monetária. A despeito da deflação e da menor pressão dos preços administrados, as medidas subjacentes ainda se encontram em patamares incompatíveis às metas, com a alimentação no domicílio em 15,78% a.a., a dos bens industriais em 14,12% a.a. e a dos serviços em 9,27% a.a.. Na semana, a taxa real de juros *ex-ante* ficou em 7,44% a.a., patamar bem contracionista. Acrescentando-se a esse cenário as declarações mais firmes de diretores do Banco Central, o entendimento é de que a taxa Selic permaneça em 13,75% a.a. por um prazo considerável e de que apostas de uma antecipação no afrouxamento mostram-se precipitadas. Mesmo com a alta de 0,13 p.p. no retorno das *T-Notes* de 10 anos para 3,33% a.a., o dólar perdeu força frente às divisas dos países desenvolvidos. Em relação ao real, encerrou a semana com depreciação de 0,43%, cotado a R\$ 5,15, por causa da elevação dos preços das *commodities*. A PEIC de agosto registrou nova alta na parcela de famílias endividadas, alcançando 79,0%, recorde da série histórica iniciada em jan/10, ainda que tenham ocorrido uma melhoria no mercado de trabalho e políticas de transferência de renda. Os dados da caderneta de poupança, também de agosto, mostram a saída líquida de R\$ 22,0 bilhões, volume recorde desde o início da série em 1995. Esse movimento decorre da inflação e endividamento elevados reduzindo o poder de compra dos consumidores e da realocação dos investimentos em benefício de ativos de renda fixa. Para esta semana, destaques para as divulgações dos indicadores de atividade (PMC, PMS e IBC-Br), IGP-10, inflação ao consumidor norte-americano e da zona do euro.

Expectativas

PIB - Mediana das Projeções (variação anual)



Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

Em meio ao melhor dinamismo da atividade econômica no curto prazo, refletido no carregamento estatístico, a mediana das projeções para o crescimento do PIB em 2022, no Boletim Focus, elevou-se em 0,13 p.p. para 2,39%, devendo alcançar 2,50% nas próximas edições. Para 2023, a estimativa aumentou em 0,03 p.p. para 0,50%, enquanto para 2024 manteve-se em 1,80%. No campo inflacionário, ainda refletindo os efeitos da desoneração temporária de impostos, as estimativas para o IPCA em set/22 diminuíram em -0,11 p.p. para 0,17%, as de out/22 em -0,02 p.p. para 0,50%, permanecendo em 0,51% em nov/22. Desta forma, a mediana das estimativas para 2022 retrocedeu em -0,21 p.p. para 6,40% e a para 2023 em -0,10 p.p. para 5,17%. Por sua vez, a para 2024 avançou 0,04 p.p. para 3,47%.

Ao definir como horizonte relevante para política monetária, o Banco Central optou por dar ênfase à inflação acumulada em 12 meses no 1º trimestre de 2024. Assim, as projeções de inflação mensais acumuladas até mar/24 apontaram uma variação de 4,46%, bem acima do alvo perseguido pelo BC de 3,18% que representa a média ponderada das metas de 3,25% para 2023 e de 3,00% para 2024. Na semana, a inflação implícita nas negociações de títulos públicos para o prazo de 1 ano diminuiu -0,13 p.p. para 5,06% e a de 2 anos recuou -0,15 p.p. para 5,19%. Quanto à meta Selic, as expectativas foram mantidas em 13,75% a.a. para 2022, em 11,25% a.a. para 2023 e em 8,00% a.a. para 2024. Sem mudanças, as previsões para as taxas de câmbio seguiram em R\$ 5,20/US\$ aos termos de 2022 e 2023, e em R\$5,10/US\$ ao fim de 2024. No âmbito fiscal, a dívida líquida do setor público estimada para 2022 continuou em 59,0% do PIB, passando de 63,30% para 63,05% do PIB para 2023, mantendo-se em 65,00% do PIB para 2024. A expectativa para o resultado primário variou na semana, de 0,30% para 0,50% do PIB para esse ano, e seguiu em -0,50% do PIB para 2023 e 0,00% do PIB para 2024. Por último, a previsão para o resultado nominal manteve-se em: -6,75% do PIB para 2022, em -7,70% do PIB para 2023 e -5,80% do PIB para 2024.

Aversão ao Risco

Bolsas Internacionais

Bolsas	09/09/2022	Variação		
		Semana	Mês	12 meses
Bovespa	112.300	1,3%	3,4%	-2,7%
Nasdaq	12.112	4,1%	-3,1%	-20,6%
S&P	4.067	3,6%	-1,3%	-9,5%
Dow Jones	32.152	2,7%	-1,9%	-7,8%
Nikkei 225	28.215	2,0%	0,8%	-6,0%
Xangai	3.262	2,4%	0,5%	-11,7%

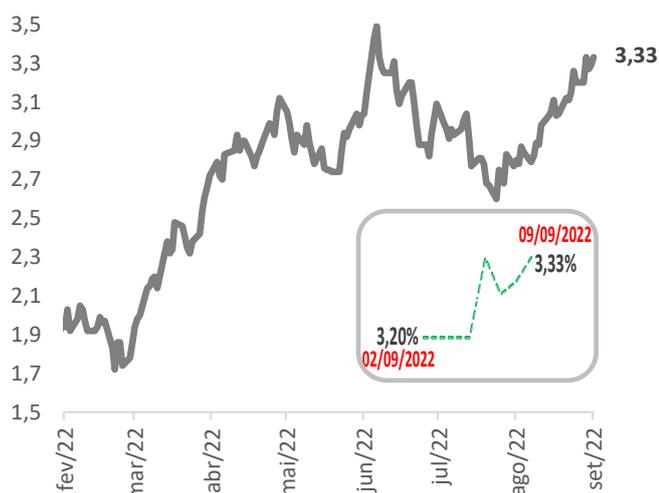
Apesar do crescente entendimento de que o Federal Reserve (FED) segue comprometido no processo de desinflação e que para tanto deve manter o ritmo de elevação da taxa de juros, houve melhora na demanda por ativos de risco na semana, com perda de força do dólar, altas nas principais bolsas internacionais e quedas nas medidas dos riscos soberanos.

Neste sentido, verificaram-se na semana altas de 2,0% no Nikkei 225, 2,4% em Xangai, 2,7% no Dow Jones, 3,6% no S&P e 4,1% na Nasdaq. Em linha, o Ibovespa registrou alta de 1,3%, beneficiado pelos ativos ligados às *commodities* e à atividade doméstica. Com redução de -16,4 bps na semana., o CDS de 5 anos do Brasil encerrou em 236,0 bps..

Ademais, na semana, o retorno das *T-Notes* de 10 anos subiu 0,13 p.p. para 3,33% a.a.. Em maior intensidade, o retorno para o título de 2 anos aumentou 0,16 p.p. para 3,56% a.a., levando o *spread* entre as taxas para patamar ainda mais negativo (-0,23 p.p.), reforçando os temores quanto a uma recessão no horizonte próximo.

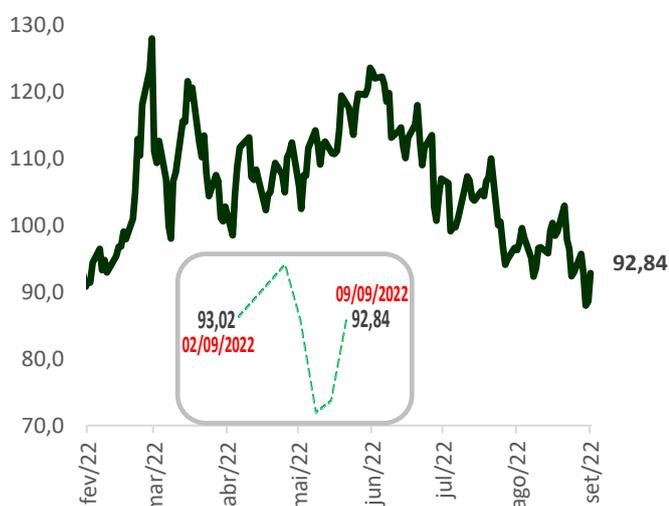
Com elevada volatilidade na semana, a cotação do barril de petróleo tipo Brent encerrou com redução de -0,19% para US\$ 92,84, voltando a ficar abaixo do observado antes do início do conflito no Leste Europeu em fevereiro. Fatos pesaram em ambas as direções. Por um lado, o risco de retração econômica e novos *lockdowns* na China, com possível queda na demanda, exercem pressão baixista. Por outro, o novo corte de produção definido pelo Opep+ e a crescente crise energética na Europa com o fechamento do gasoduto Nort Stream 1, exercem pressão altista.

T-Note - (% a.a.)



Petróleo

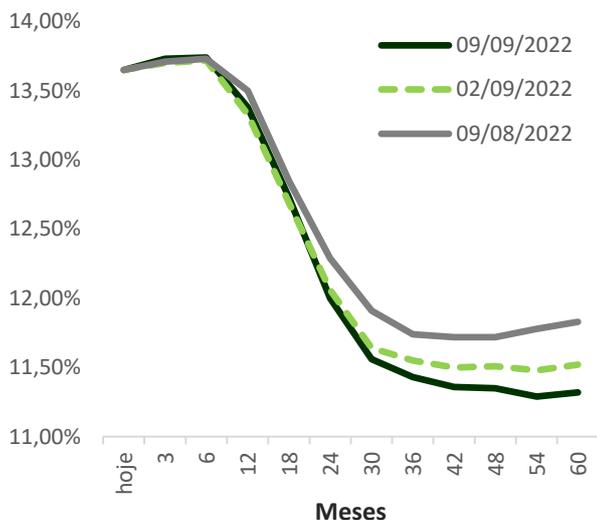
Brent última cotação US\$



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

Estrutura a Termo das Taxas de Juros (% a.a.)



Em linha com a melhora na aversão ao risco nos mercados globais, a depreciação do dólar e a recuperação do Ibovespa, a curva de juros futuro registrou quedas de prêmios nos vértices mais longos. As ligeiras altas nos prazos mais curtos ocorreu mesmo com as declarações mais firmes no combate à inflação de diretores do Banco Central e a nova deflação do IPCA em agosto. Com esse quadro, a aposta de que o aperto monetário se encerre em 13,75% a.a. é preponderante. No que tange à expectativa de que o ciclo de afrouxamento se inicie antes do anteriormente previsto mostra-se precipitada.

Taxa Real de Juros (a.a.)

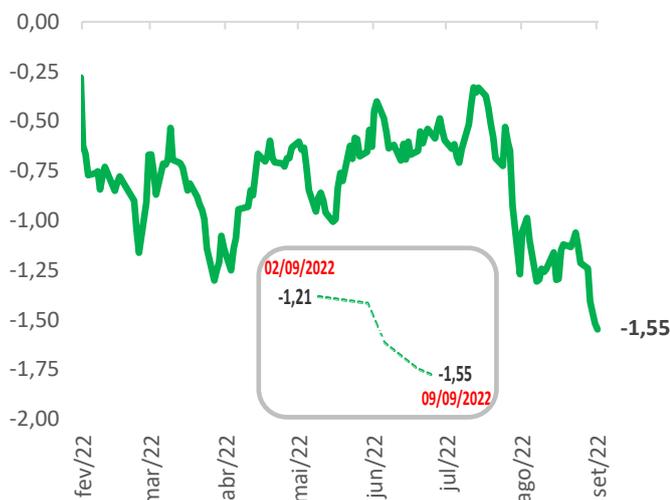
Ex-ante



Com isso, na semana, houve alta de 0,03 p.p. na taxa do vértice de 90 dias e de 0,05 p.p. no de 1 ano. Já para as dos vértices de 2, 3, 4 e 5 anos recuaram -0,06 p.p., -0,12 p.p., -0,16 p.p. e -0,20 p.p., respectivamente. Apesar da alta de 0,05 p.p. na taxa de juros do swap DI prefixado de 360 dias para 13,38% a.a., com a redução de -0,09 p.p. na inflação esperada para os próximos 12 meses, a taxa real de juros *ex-ante* acumulou alta de 0,14 p.p. para 7,44%, permanecendo em patamar muito restritivo.

Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos (p.p.)

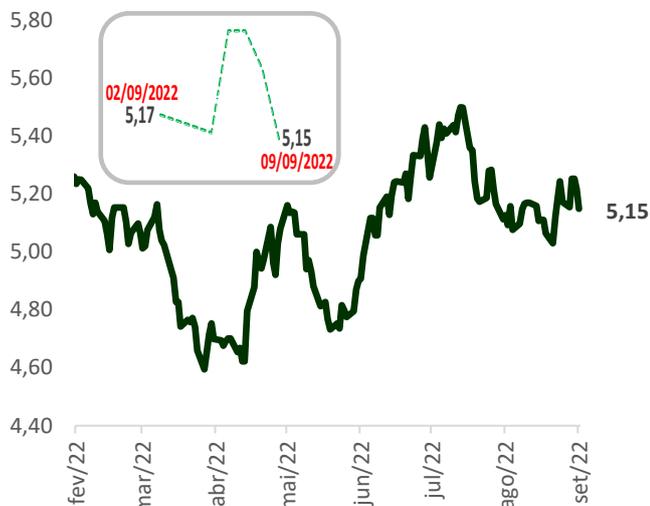


Por fim, a medida de risco calculada pelo diferencial entre as taxas de juros de 1 e 10 anos caiu -0,33 p.p. na semana para -1,55 p.p.. Apesar do *spread* em patamar negativo indicar possibilidade de recessão, as projeções para a atividade econômica, no Boletim Focus, ainda apontam para crescimento do PIB nos próximos 3 anos.

Fonte: B3. Elaboração ABBC

Câmbio

Real/US\$



O dólar encerrou a semana com queda frente às principais moedas do globo, em linha com o movimento de contração da aversão ao risco. No período, o *Dollar Index*, que mede o desempenho da divisa dos EUA em relação às de países desenvolvidos, recuou -0,48%, influenciado pelas apreciações de 0,88% no euro e de 0,69% na libra esterlina. Vale registrar que a semana encerrou com a paridade entre o dólar e o euro.

Já as moedas dos países emergentes apresentaram comportamentos distintos, com o índice que calcula suas variações em relação ao dólar fechando a semana com ligeira retração de -0,07%. Pesaram para isso, por um lado, as depreciações de 1,59% no peso argentino, de 0,38% no renminbi e de 0,17% na lira turca e, por outro lado, as apreciações de 0,43% no real e de 0,24% no peso mexicano.

Apesar do aumento nos riscos políticos e fiscal, o real, assim como o peso mexicano, apresentaram comportamento superior ao de seus pares emergentes, beneficiados pela elevação nos preços das *commodities*, principalmente as metálicas. Assim, após alcançar R\$ 5,25 na terça (06/09), a cotação do dólar frente ao real voltou a recuar, terminando a semana em R\$ 5,15, com o real se apreciando 0,43% no período e 1,07% em 12 meses. Dessa forma, o Banco Central atuou no mercado cambial somente com a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 03/10/2022.

Quadro Câmbio

Moeda	Cotação do US\$		Variação	
	09/09/2022	Semana	Mês	12 meses
Real	5,15	-0,43%	1,45%	-1,07%
Euro	1,00	-0,88%	2,16%	17,76%
Libra esterlina	0,86	-0,69%	4,74%	19,40%
Renminbi	6,93	0,38%	2,72%	7,30%
Peso mexicano	19,90	-0,24%	0,25%	-0,19%
Lira turca	18,22	0,17%	1,54%	116,02%
Peso argentino	141,38	1,59%	5,04%	44,19%

Índice de Emergentes*



*Cesta de Moedas:

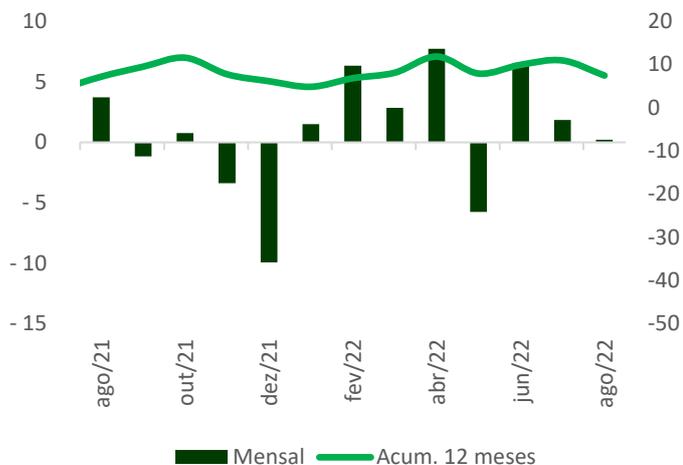
Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Fonte: J.P. Morgan/Bloomberg. Elaboração ABBC

Movimento do Câmbio – Ago/22

Fluxo Cambial

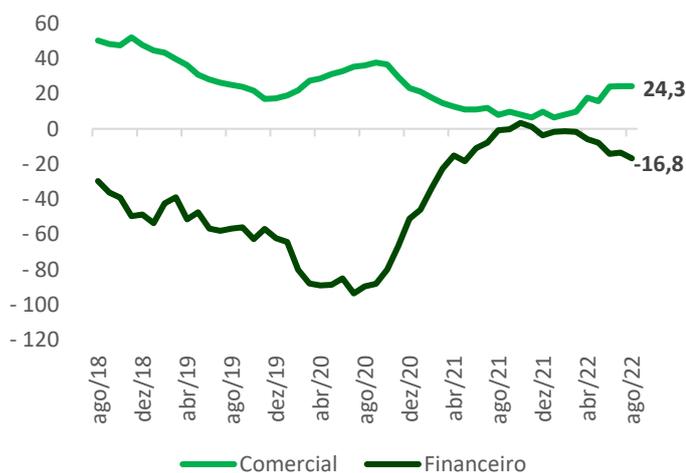
Em Bilhões – Acumulado no eixo secundário



O fluxo cambial encerrou agosto com superávit no saldo comercial de US\$ 1,0 bilhão, resultado de US\$ 22,2 bilhões em exportações e US\$ 21,2 bilhões em importações. No ano acumulou-se um saldo de US\$ 31,7 bilhões e de US\$ 24,3 bilhões em 12 meses, montante 202,3% superior aos US\$ 8,0 bilhões verificados no mesmo período de 2021.

Saldo Acumulado em 12 meses

Em US\$ Bilhões



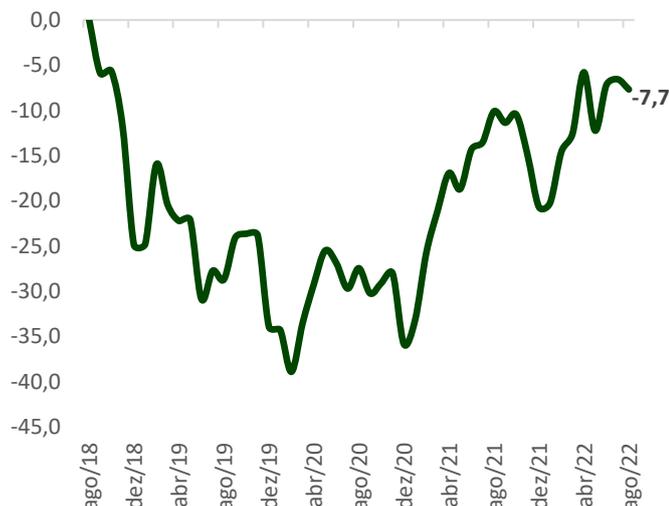
Em trajetória de deterioração, pelo 6º mês consecutivo, o movimento financeiro apresentou déficit, agora com saldo negativo de US\$ -828,3 milhões decorrente de US\$ 47,7 bilhões em compras e US\$ 48,5 bilhões em vendas. O saldo financeiro acumulou déficit de US\$ -10,5 bilhões no ano e de US\$ -16,8 bilhões em 12 meses (US\$ -858,0 milhões).

Dessa forma, o saldo do movimento do câmbio acumulado em 12 meses foi de um superávit de US\$ 7,4 bilhões, representando um recuo de 32,0% na margem dos US\$ 10,9 bilhões observados em jul/22 e uma alta de 3,7% em relação aos US\$7,2 bilhões de ago/21.

O saldo acumulado até agosto foi de US\$ 21,2 bilhões, com aumento de 6,6% aos US\$ 19,9 bilhões observados no mesmo período de 2021. Por fim, os bancos aumentaram suas posições vendidas de US\$ 6,5 bilhões em jul/22 para US\$ 7,7 bilhões.

Posição de Câmbio dos Bancos

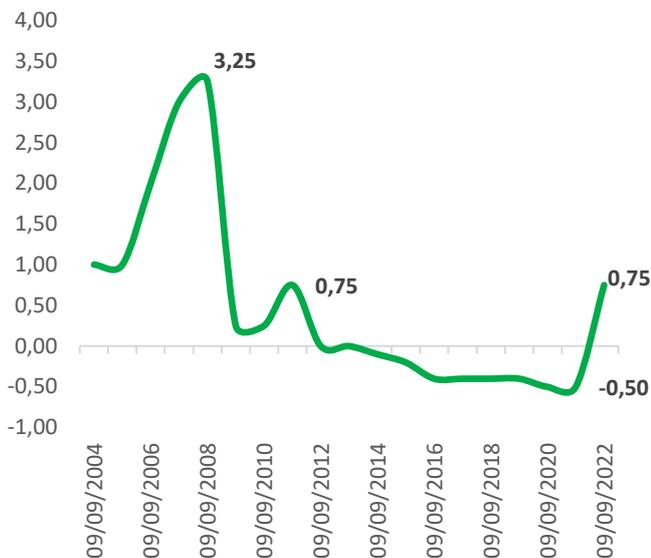
Em US\$ bilhões



Fonte: BCB. Elaboração ABBC

Atividade Global – Ago/22

BCE – Taxa de Depósitos (% a.a.)



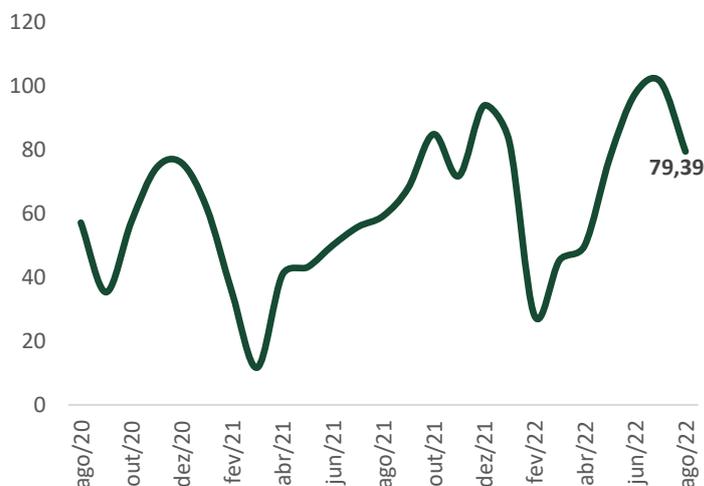
Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Assim como o Federal Reserve (Fed), o Banco Central Europeu (BCE) adotou uma postura mais agressiva na política monetária, decidindo elevar as 3 principais taxas de juros em 0,75 p.p., levando a taxa de refinanciamento para 1,25% a.a., a taxa de depósito para 0,75% e a taxa *overnight* para 1,50%. Além do mais, sinalizou que continuará elevando os juros nas próximas reuniões para assegurar que no médio prazo a inflação convirja à meta de 2,0%.

Como mensagens, transmitiu que a magnitude dos ajustes no médio prazo dependerá da evolução dos dados e reforçou que o atual patamar dos juros ainda está abaixo do neutro. Adicionalmente, revisou suas projeções de inflação para cima, prevendo alta de 8,1% esse ano (6,8% anteriormente), de 5,5% em 2023 (3,5% antes) e de 2,3% em 2024 (2,1% anteriormente). No que tange à atividade econômica, as projeções para o PIB foram alteradas de 2,8% para 3,1% para 2022 e de 2,1% para 0,9% para 2023. Dentre os fatores para o menor crescimento estão: (1) a inflação afetando o poder de compra do consumidor; (2) a pressão intensificada pela situação do mercado de energia; (3) a desaceleração global com impactos na Europa, reflexo do aperto monetário de outros países e (4) as incertezas elevadas.

Ainda na semana, o Livro Bege do Fed avaliou que desde julho a atividade econômica se mantém estável. Com o abrandamento da demanda nos próximos 6 a 12 meses, as perspectivas futuras para o crescimento são frágeis.

China – Balança Comercial Em US\$ bilhões



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

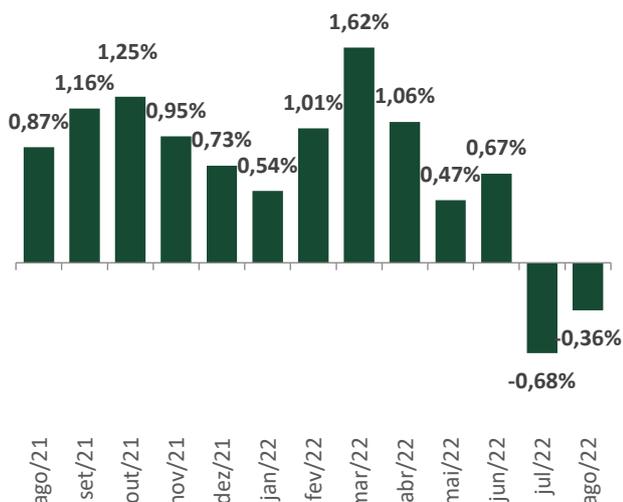
Simultaneamente, o mercado de trabalho segue pressionado, com alta nos salários em todos os distritos. Os preços, por sua vez, permanecem elevados, mas alguns distritos reportaram moderação da inflação, destacando o alívio nos custos com frete por causa da queda nos preços dos combustíveis. Por fim em discurso, o presidente do Fed reforçou o compromisso de controle da inflação nos EUA.

Na China, os sinais de desaquecimento da economia conjuntamente aos novos lockdown e questões climáticas alimentam as preocupações em relação ao risco de recessão. O superávit da balança comercial chinesa caiu para US\$ 79,4 bilhões em agosto, inferior aos US\$ 101,3 bilhões em julho e da previsão de US\$ 93,3 bilhões. No período, as exportações cresceram 7,1% em relação a ago/21, bem abaixo das expectativas de mercado (12,5%), recuando muito em relação a alta de 18,0% observada em julho. As importações, por sua vez, tiveram crescimento de 0,3% na comparação anual, inferior a alta de 2,3% de julho e da expectativa do mercado (1,5%).

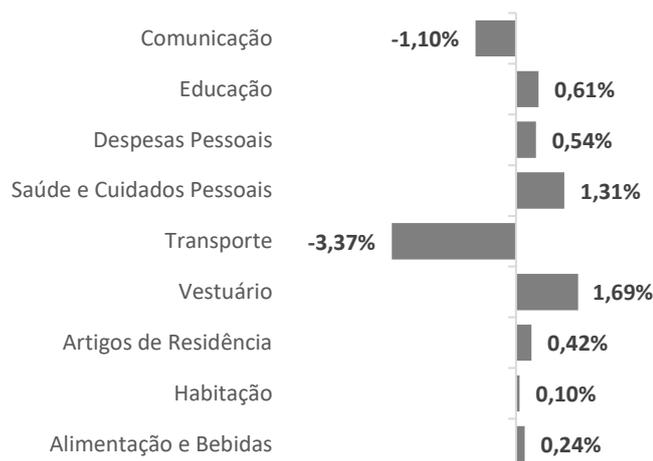
No Japão, contudo, o crescimento em termos anualizados de 3,5% do PIB no 2T22, devido à gastos mais robustos de empresas e famílias, surpreendeu positivamente. O número ficou acima dos 2,2% observados na estimativa preliminar. No período, as despesas de capital cresceram 2,0% em relação ao trimestre anterior (1,4% na estimativa inicial), enquanto o consumo privado expandiu-se 1,2% (1,1% preliminarmente).

IPCA - Ago/22

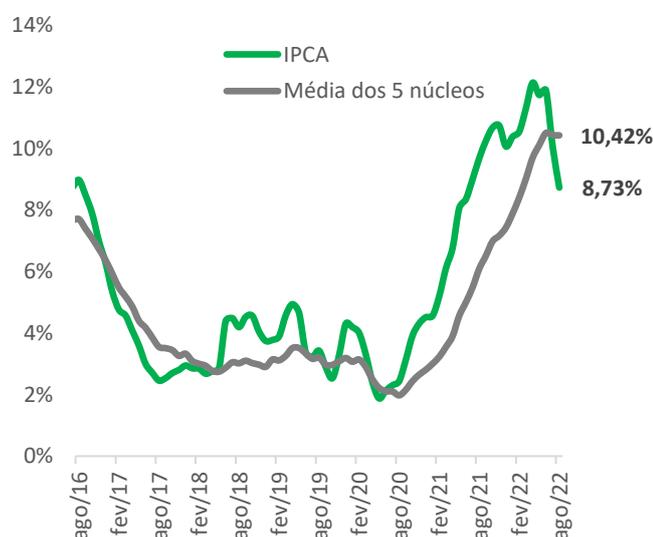
Variação Mensal



Variação Mensal Abertura por grupo



Evolução Anual



Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

Ainda sob efeitos das desonerações nas negociações dos combustíveis e energia e pela redução nos preços da gasolina e diesel pela Petrobras, o IPCA registrou deflação de -0,36% em agosto, a menor taxa para o mês desde 1998 (-0,51%). No ano, o indicador acumula alta de 4,39% e de 8,73% em 12 meses (10,07% em jul/22). A queda foi menos intensa do que a observada em julho (-0,68%) e da expectativa do mercado (-0,40%), influenciada, sobretudo, pela alta de bens industriais (0,82%). Os preços administrados recuaram -2,55% no mês (1,46% a.a.), enquanto os livres subiram 0,39% (11,39% a.a.).

A queda do IPCA em agosto deveu-se fundamentalmente ao grupo Transportes, com deflação de -3,37% no mês (-4,51% em jul/22), impactando em -0,72 p.p. no índice total. Na decomposição do grupo, observou-se uma redução de -10,82% nos preços dos combustíveis, sobretudo gasolina (-11,64%) e etanol (-8,67%), enquanto o óleo diesel (-3,76%) e gás veicular (-2,12%) diminuíram em menor intensidade. Cabe mencionar que o preço da gasolina nas refinarias foi reduzido em R\$ 0,18/litro em 16 de agosto. Destaque também para os preços das passagens aéreas que caíram em agosto (-12,07%), após 4 meses consecutivos de alta.

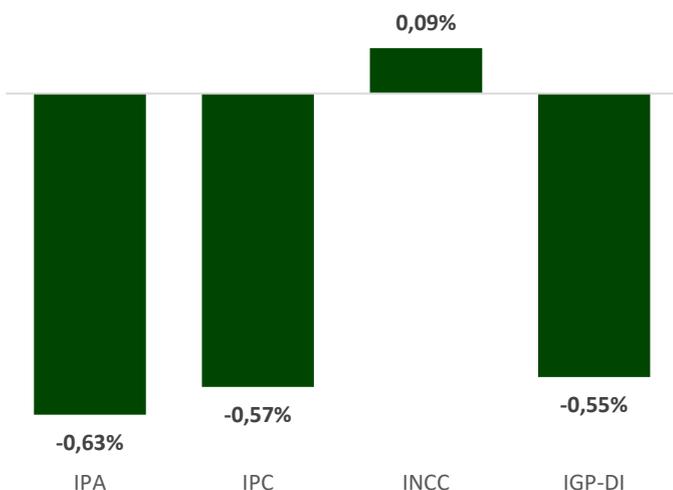
No grupo Habitação, a queda nos preços de energia de forma menos intensa (-1,27% ante -5,78%) contribuiu para que a taxa do grupo subisse 0,10% em agosto (-1,05% em jul/22). Por outro lado, houve alta de 1,69% no grupo Vestuário (0,58% em jul/22), com as influências de roupas femininas (1,92%), masculinas (1,84%) e os calçados e acessórios (1,77%). No mesmo sentido, o grupo de Saúde e Cuidados Pessoais avançou 1,31% em agosto (0,49% em jul/22) alavancado pelos aumentos de itens de higiene pessoal (2,71%) e plano de saúde (1,13%).

A despeito da menor pressão dos preços administrados, as medidas subjacentes ainda se encontram em patamares incompatíveis às metas inflacionárias. A inflação da alimentação no domicílio ficou em 15,78% a.a., para os bens industriais em 14,12% a.a. e para serviços em 9,27% a.a..

A inflação de serviços deve continuar se elevando, com a atividade mais aquecida do que a esperada, com os programas de maior transferência de renda e a melhora do mercado de trabalho. Por último, a média dos núcleos acompanhados pelo Banco Central (DP, MS, EX0, EX3, P55) sofreu ligeira redução de -0,01 p.p. na margem, para 10,42% a.a..

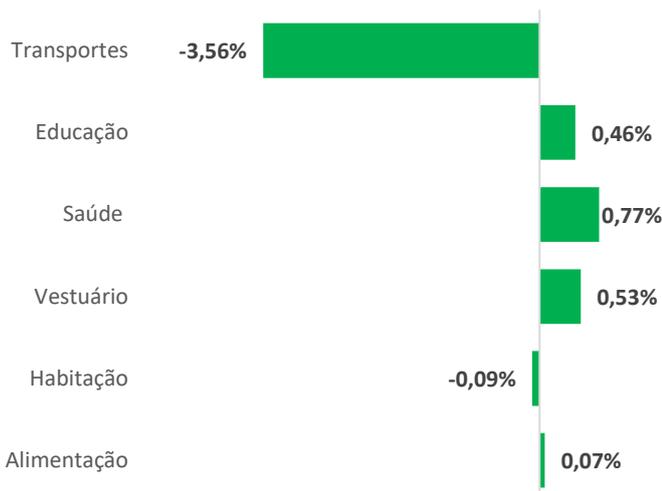
IGP-DI – Ago/22

Variação Mensal

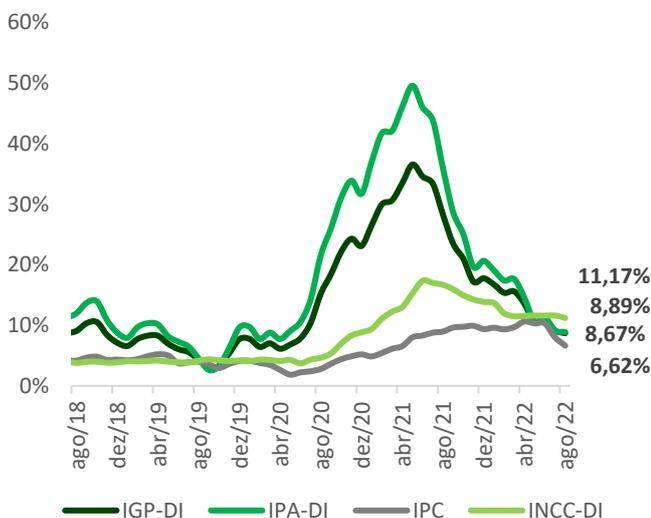


IPC - Variação Mensal

Classes de despesa



Evolução Anual



Apurado pela FGV, o IGP-DI registrou deflação de -0,55% em agosto, após queda de -0,38% em jul/22, acumulando uma alta de 6,84% no ano (15,75% em igual período de 2021). Em 12 meses, o índice desacelerou sua alta de 9,13% a.a. em jul/22 para 8,67% a.a. (28,21% a.a. em ago/21). O resultado mensal refletiu fundamentalmente a retração dos preços de combustíveis fósseis, com impactos nas deflações observadas nos preços ao atacado e consumidor.

Com o maior peso no indicador, o IPA variou -0,63% em agosto, desacelerando a queda em relação ao mês anterior (-0,32%), acumulando alta de 8,89% a.a. (9,11% em jul/22 e 35,86% a.a. em ago/21). Na abertura por estágio de processamento, a deflação nos combustíveis para consumo (-7,10%) possibilitou que a taxa de bens finais retraísse de 0,28% para -0,90% em ago/22. No mesmo sentido, a variação dos bens intermediários passou de 0,89% em jul/22 para -0,92%, favorecida pelo recuo do subgrupo combustíveis e lubrificantes para a produção, cuja taxa passou de 5,02% para -3,51%. Por sua vez, o estágio das matérias-primas brutas suavizou a queda em sua taxa de variação, de -2,19% em jul/22 para -0,04%, devido à recomposição nos preços de minério de ferro (de -12,94% para -3,80%), milho em grão (de -4,98% para 1,19%) e algodão em caroço (de -14,45% para 1,34%). Por outro lado, destaque para a descompressão nos preços de: bovinos (de 3,62% para -3,35%), leite in natura (de 14,37% para 10,84%) e café em grão (de 0,50% para -0,94%).

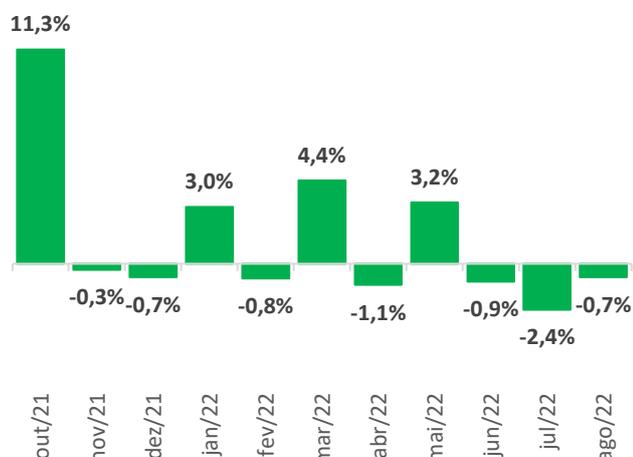
Com 6 dos 8 itens em alta, o IPC desacelerou a queda mensal, de -1,19% para -0,57% em ago/22, com destaque para os grupos de Educação, Leitura e Recreação (de -4,06% para 0,46%), Transportes (de -4,81% para -3,56%) e Habitação (de -0,70% para -0,09%). Nestas classes, destaques para os itens de passagem aérea (de -19,81% para 2,07%), gasolina (de -14,24% para -11,62%) e tarifa de eletricidade residencial (de -5,13% para -2,33%). Ainda no IPC, o índice de difusão, que mede a proporção de itens com taxa de variação positiva, ficou em 58,39%, recuando -9,3 p.p. em relação a jul/22. Em 12 meses, o IPC apresentou alta de 6,62% a.a. (8,00% a.a. em jul/22 e 8,95% a.a. em ago/21).

Finalizando, o INCC variou de 0,86% em jul/22 para 0,09% em ago/22, respondendo ao alívio nos preços dos 3 índices componentes: Materiais e Equipamentos (de 0,34% para -0,21%), Serviços (de 0,62% para 0,46%) e Mão de Obra (de 1,36% para 0,28%).

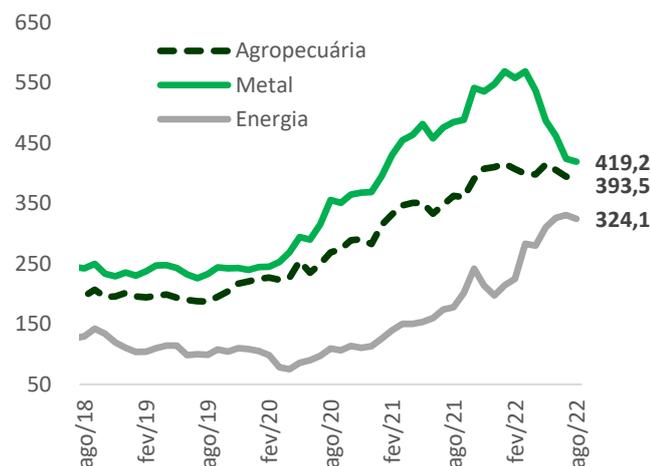
Fonte: FGV. Elaboração ABBC

IC-Br - Ago/22

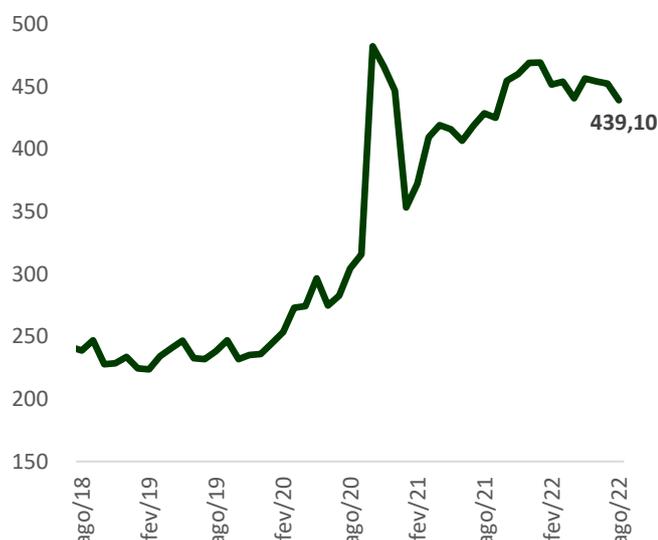
Índice Composto Variação Mensal



Índice Mensal Abertura (pts.)



Índice CRB (pts.)



Em meio aos temores de recessão global, o índice que acompanha os preços das *commodities* em reais, o IC-Br, compilado pelo Banco Central, caiu pelo 3º mês consecutivo. Após quedas de -2,4% em jul/22 e -de 0,9% em jun/22, o indicador recuou -0,7% em agosto, passando de 417,62 pts. para 414,63 pts. Ainda assim, o índice ainda acumula alta de 4,5% em 2022, fundamentalmente pelo avanço nos preços do petróleo e gás.

O resultado mensal deveu-se à queda nos 3 componentes, com maior intensidade dos produtos energéticos (-2,0%), e em menor medida, os produtos metálicos (-1,1%) e agropecuários (-0,1%). No trimestre, o índice exibiu queda de -4,0%, impactado pelo comportamento das *commodities* metálicas (-13,9%) e agrícolas (-5,1%), enquanto as energéticas subiram 4,4%.

Em 12 meses, o indicador expande-se 17,7%, influenciado especialmente pelo aumento nos preços das *commodities* energéticas (82,7%), e em menor medida, as agrícolas (8,6%). Enquanto as *commodities* metálicas retraíram-se -13,5%, na mesma métrica. Em linha, o indicador internacional de *commodities* CRB recuou -2,9% na margem, para 439,1 pts., com avanço de 2,5% em 12 meses.

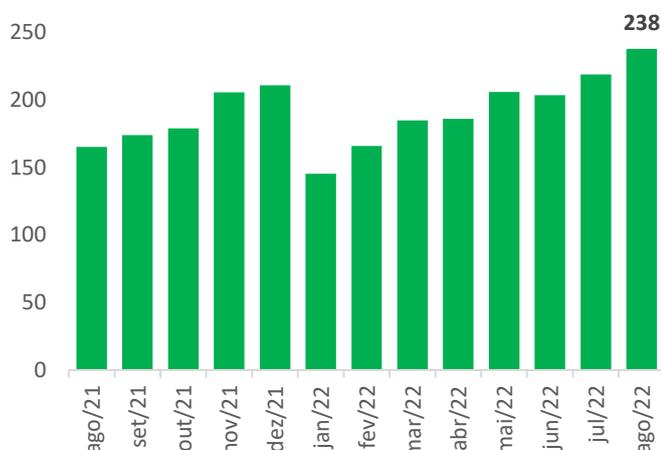
Fonte: BCB Elaboração ABBC

*Índice baseado no mercado à vista, calculado pelo Commodity Research Bureau.

Veículos - Ago/22

Anfavea: Produção Mensal

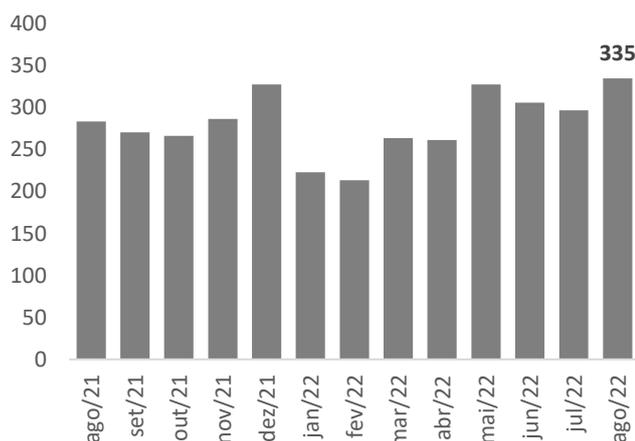
Em mil unidades



Com a melhora no fluxo de oferta dos semicondutores, a produção de veículos em agosto registrou aumento de 8,7% em comparação com jul/22. A produção de 238,0 mil veículos (excluindo máquinas agrícolas) significou o maior resultado do ano. Com esse aumento na margem, pela 1ª vez em 2022, a variação acumulada no ano apresentou um resultado superior em relação ao mesmo período em 2021, com uma alta de 4,7%. O bom resultado sugere um fortalecimento na atividade industrial, sendo um indício de alta na PIM. Contudo, em 12 meses, a produção de veículos ainda recua -2,7% (-7,5% em jul/22).

Fenabreve: Vendas no Mês

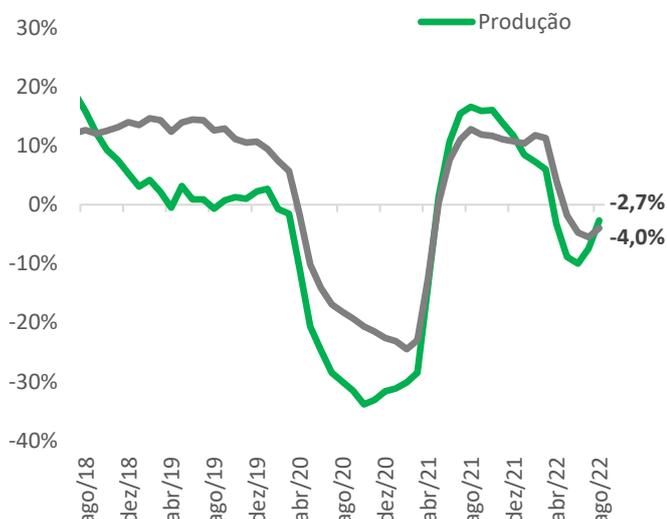
No mercado interno – em mil unidades



No mês, os destaques foram as produções de caminhões, com aumento de 35,4% na margem para 17,2 mil unidades produzidas e de ônibus com aumento de 13,9% para 3,6 mil. Por outro lado, os veículos comerciais leves apresentaram queda de -15,8% no mês (36,1 mil unidades). Na variação do acumulado em 12 meses, a produção de ônibus se destaca, com alta de 28,7% a.a., enquanto os comerciais leves recuaram -10,1% a.a..

Variação Anual

Produção e vendas acumuladas em 12 meses



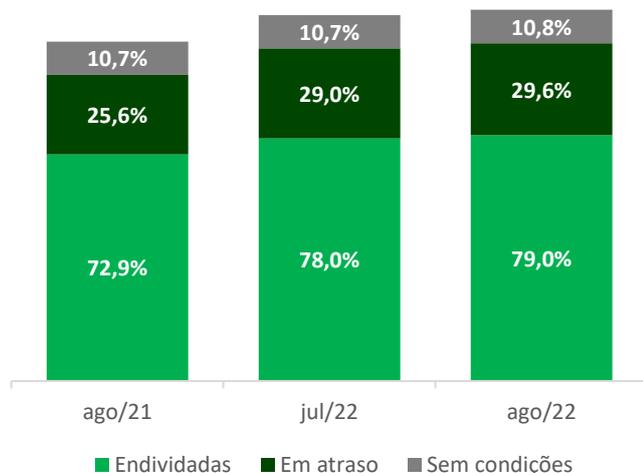
Em relação às vendas de veículos, a FENABRAVE apontou uma alta de 12,8% na margem com uma total de 334,8 mil unidades, o que deve beneficiar o indicador do comércio ampliado. Mesmo com a alta no mês, a variação anual do acumulado em 12 meses permanece negativa, porém com uma ligeira desaceleração de -5,5% a.a. para -4,0% a.a..

No mês, os destaques de vendas vão para ônibus, com alta de 31,3% (2,0 mil unidades vendidas), porém ainda com queda de -4,8% a.a. no acumulado em 12 meses. Veículos comerciais leves apresentaram uma alta na margem de 16,3% para 39,0 mil, mas também apresentando uma queda de -12,1% a.a..

Fonte: Anfavea/Fenabreve. Elaboração ABBC

PEIC - Ago/22

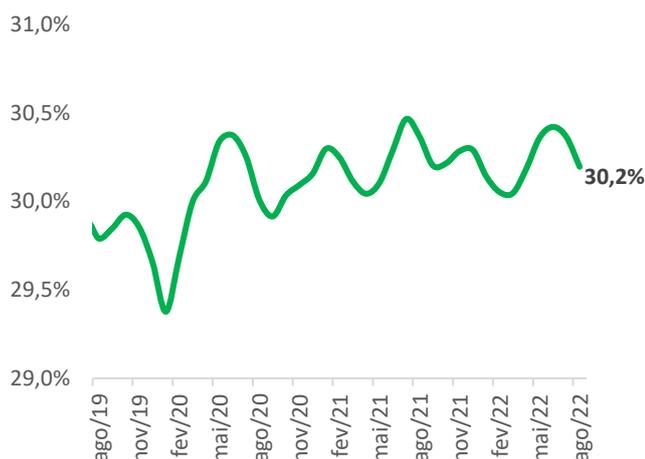
PEIC (%)



A melhora no mercado de trabalho e as políticas de transferência de renda ainda não refletiram positivamente no nível de endividados no país, dada a inflação ainda em nível elevado, que corrói o poder de compra. A Pesquisa Nacional de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC) da CNC mostrou que o nível de endividados aumentou de 78,0% em julho para 79,0% em agosto, que significou o maior nível desde o início da série histórica em jan/10.

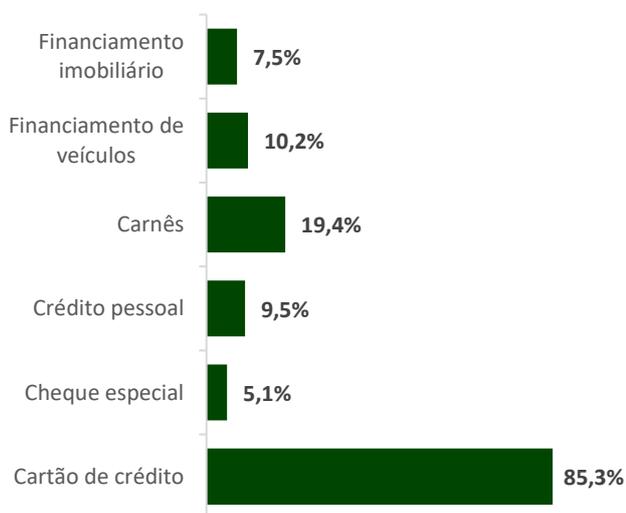
Os endividados que declaram contas em atraso representaram 29,6% do total, aumento de 0,6 p.p. em relação a jul/22. Já as famílias que não terão condições de pagar suas dívidas em atraso, permanecendo inadimplentes, aumentou de 10,7% em julho para 10,8%.

Parcela da Renda Comprometida % dos endividados



Em comparação com o nível de renda, a contratação de dívidas das famílias com rendimento mensal de até 10 salários-mínimos apresentou alta de 1,1 p.p., ficando em 79,9%, um comportamento semelhante ao das famílias com rendimento acima de 10 salários-mínimos, cuja alta foi menos intensa, variando 0,9 p.p. em agosto para 75,9%.

Tipo de Dívida (% do total)

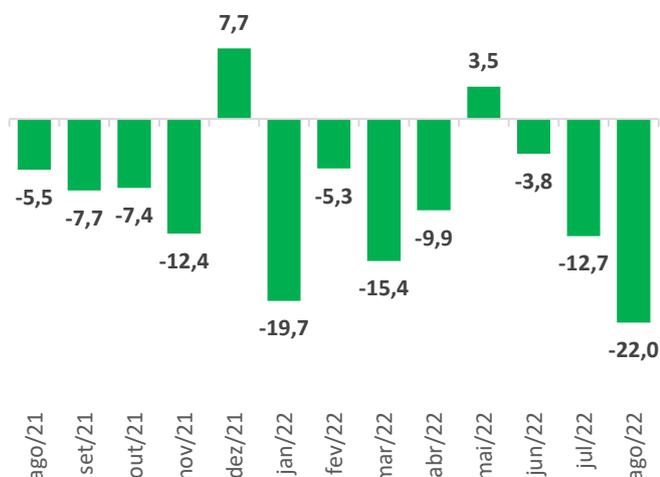


Em agosto, o nível de renda comprometida das famílias endividadas sofreu um ligeiro recuo de 0,2 p.p. para 30,2%. Dentre os tipos de dívida, o cartão de crédito permaneceu sendo o mais recorrente, com 85,3% das famílias com dívidas, mesma parcela observada em jul/22. A seguir, vieram as dívidas com carnês que apresentaram avanço pela 3ª vez consecutiva, com uma alta na margem de 0,5 p.p. para 19,4%. Cabe mencionar a maior demanda por crédito direto no varejo por famílias de menor renda. Nos últimos 4 meses, o endividamento nos carnês para esta parcela da população cresceu 1,8 p.p., atingindo 19,8%.

Fonte: CNC. Elaboração ABBC

Poupança - Ago/22

Captação Líquida SBPE+Rural – em R\$ bilhões

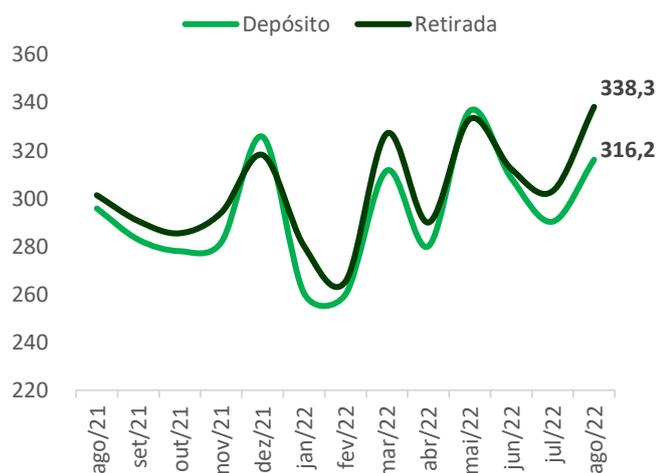


Segundo dados do Banco Central, foram depositados R\$ 316,2 bilhões na caderneta de poupança contra a retirada de R\$ -338,3 bilhões, resultando na saída líquida de R\$ -22,0 bilhões no mês de agosto, volume recorde de saída registrado desde o início da série histórica em 1995. Com isso, a poupança acumula retirada líquida de R\$ -85,2 bilhões em 2022, com captação líquida positiva apenas em maio (R\$ 3,5 bilhões).

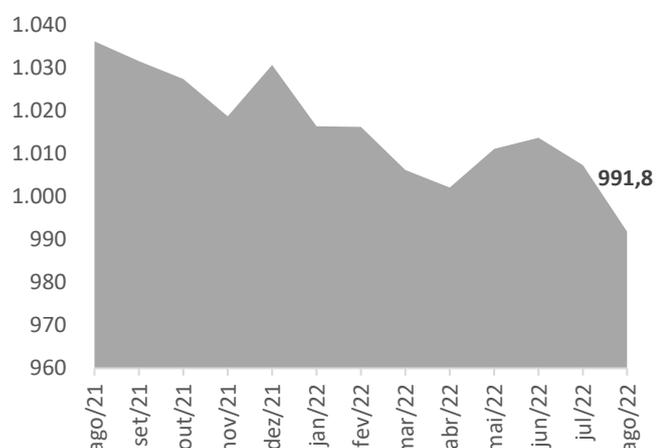
Em um cenário de inflação e endividamento elevados e a perda de poder de compra dos consumidores, sugere-se que a poupança esteja sendo utilizada para manter as despesas básicas correntes, como complemento à renda. Ademais, os rendimentos menores por causa dos aumentos da taxa Selic, hoje em 13,75% a.a., tornam outras aplicações de renda fixa mais atraentes. Pela regra atual, a aplicação rende TR +6,17% a.a..

Assim, somando-se ao rendimento de R\$ 6,6 bilhões no mês, a caderneta de poupança encerrou agosto com o saldo de R\$ 991,8 bilhões, uma queda de 1,5% na margem e de 4,3% em 12 meses (R\$ 1.036 bilhões).

Evolução (SBPE + Rural – em R\$ Bilhões)



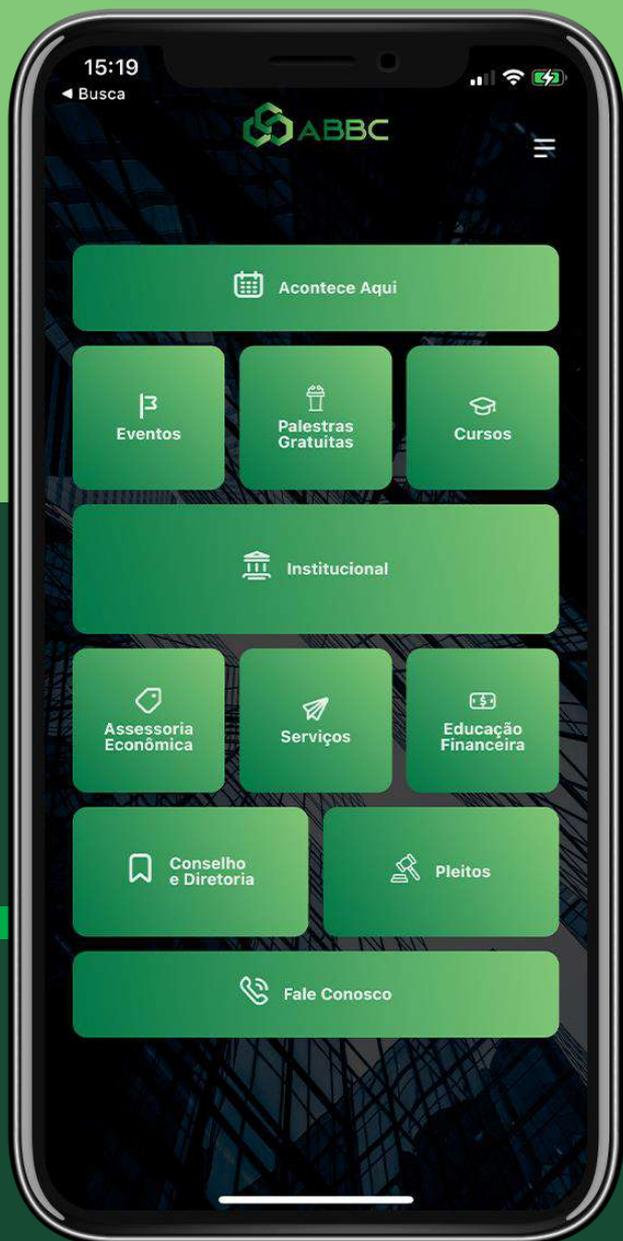
Saldo SBPE+Rural – em R\$ bilhões



Fonte: BCB. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2019	2020	2021	2022E	2023E
Atividade, Inflação e Juros					
PIB Real (% a/a)	1,2	-3,9	4,6	2,5	0,5
Crédito (% a/a)	6,4	15,6	16,5	12,8	6,9
Desocupação (% fim de período)	11,1	14,2	11,1	8,7	9,1
IPCA (% a/a fim de período)	4,3	4,5	10,1	6,4	5,2
IGP-M (% a/a fim de período)	7,3	23,1	17,8	9,6	4,7
Taxa Selic (% fim de período)	4,50	2,00	9,25	13,75	11,25
Setor Externo e Câmbio					
Balança Comercial - (US\$ bi)	35,2	50,4	61,2	70,0	60,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-65,0	-24,5	-28,1	-25,0	-30,0
Investimento Direto no País (US\$ bi)	69,2	37,8	53,3	60,0	66,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	4,0	5,2	5,7	5,20	5,20
Fiscal					
Resultado Primário (% PIB)	-0,8	-9,4	0,7	0,5	-0,5
Resultado Nominal (% PIB)	-5,8	-13,6	-4,4	-6,8	-7,7
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	54,7	62,5	57,2	59,0	63,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	74,4	88,6	80,3	79,0	82,0



Baixe o app ABBC

E fique por dentro das novidades do mercado financeiro.



DISPONÍVEL NO
Google Play



Disponível na
App Store



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –
Cerqueira César São Paulo –SP



Tel: (55) 11 3288-1688